

**HARLEY FUCKING QUINN: REPRESENTATIVIDADE  
E DIVERSIDADE FEMININA EM *BIRDS OF PREY* (2020)**

*HARLEY FUCKING QUINN: REPRESENTATIVENESS  
AND FEMININE DIVERSITY IN BIRDS OF PREY (2020)*

*HARLEY FUCKING QUINN: REPRESENTACIÓN  
Y DIVERSIDAD FEMENINA EN BIRDS OF PREY (2020)*

**YURI GARCIA<sup>1</sup>  
ELLEN ALVES LIMA<sup>2</sup>**

Submissão: 28/07/2023

Aprovação: 13/11/2023

Publicação: 22/12/2023

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Coordenador do grupo de pesquisa “POPMID: Reflexões sobre Gêneros e Tendências em Produções Midiáticas”. Professor credenciado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom-UERJ).

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-1077-5929> – E-mail: [yurigpk@hotmail.com](mailto:yurigpk@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda do programa de pós-graduação da UERJ. Membro do grupo de pesquisa “POPMID: Reflexões sobre Gêneros<sup>2</sup> e Tendências em Produções Midiáticas” coordenado pelo Prof. Dr. Yuri Garcia.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-6230-8113> – E-mail: [ellen2000.a.l@gmail.com](mailto:ellen2000.a.l@gmail.com)

---

## RESUMO

O presente trabalho busca identificar questões referentes à representatividade e protagonismo feminino em *Birds of Prey* (2020). Por meio de uma análise de aspectos narrativos e imagéticos, e dados referentes à produção, buscaremos desvelar elementos relativos à sua representatividade e relevância enquanto produção fílmica de histórias em quadrinhos. Sendo um importante marco no processo de aumento de visibilidade de protagonistas femininas na atual tendência *blockbuster*, a produção é constituída de forma bem direcionada na questão de gênero. Grande parte da equipe criativa é composta por mulheres, o que permite uma maior demonstração de uma riqueza de detalhes da personagem, através de uma ótica mais específica. Desse modo, o filme apresenta críticas aos clichês e padrões de uma cultura patriarcal, afirmando seu aspecto identitário e plural.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Birds of Prey*. Representatividade. Cinema. Histórias em Quadrinhos. Harley Quinn.

## ABSTRACT

The present work seeks to identify issues related to representativeness and feminine protagonism in *Birds of Prey* (2020). Through an analysis of narrative and imagetic aspects, and data referring to the production, we will seek to reveal elements related to its representativeness and relevance of the filmic productions of comic books. Being an important milestone in the process of increasing the visibility of female protagonists in the current blockbuster trend, the production is constituted in a well-directed way in terms of gender. A large part of the creative team is made up of women, which allows a greater demonstration of the richness of details of the character, through a more specific optic. In this way, the film criticizes the clichés and patterns of a patriarchal culture, affirming its identity and plurality.

**KEYWORDS:** *Birds of Prey*. Representativeness. Cinema. Comic Books. Harley Quinn.

## RESUMEN

El presente trabajo busca identificar cuestiones relacionadas con la representatividad y protagonismo femenino en *Birds of Prey* (2020). A través de un análisis de aspectos narrativos, de imágenes y de datos referentes a la producción, buscaremos develar elementos relacionados con su representatividad y relevancia de las producciones fílmicas de historietas. Siendo un hito importante en el proceso de aumentar la visibilidad de las protagonistas femeninas en la actual tendencia blockbuster, la producción se constituye de manera bien dirigida en términos de género. Gran parte del equipo creativo está formado por mujeres, lo que permite una mayor demostración de la riqueza de detalles de la personaje, a través de una óptica más específica. De esta forma, la película critica los clichés y patrones de una cultura patriarcal, afirmando su identidad y pluralidad.

**PALABRAS CLAVE:** *Birds of Prey*. Representatividad. Cinema. Libros de historietas. Harley Quinn.

## INTRODUÇÃO

Podemos apontar uma certa soberania estadunidense na indústria cinematográfica a partir da configuração de uma narrativa fílmica mais delineada pelos desenvolvimentos de sua linguagem, sobretudo após o cenário europeu se encontrar impactado pela reverberação da Primeira Guerra Mundial e, posteriormente, a Segunda Guerra Mundial<sup>1</sup>. Dessa forma, a consolidação da

---

<sup>1</sup> Para mais detalhes, conferir Geada (1998) e Mattos (2006).

indústria estadunidense permitiu um amplo domínio mercadológico de sua cinematografia. Os filmes oriundos dessas produções acabam alcançando um grande espaço em nosso imaginário cultural. As produções Hollywoodianas preenchem a maior parte das salas de cinema do mundo, inclusive do Brasil. “Na última edição do Anuário Estatístico do cinema brasileiro (ANCINE, 2015), por exemplo, informa-se que 83,9% do público dos lançamentos foi para filmes dos Estados Unidos.” (GIMENEZ et ROCHA, 2018, p. 95).

Além do excesso de filmes *blockbuster* com grandes bilheterias que são consumidos de forma massiva, torna-se necessário observar um fenômeno que vem ganhando extremo destaque: as transposições cinematográficas de histórias em quadrinhos, realizadas pela Marvel Comics e pela DC Comics. Nos últimos 20 anos, “essas produções parecem alcançar crescente espaço entre os maiores sucessos financeiros da história do cinema” (GARCIA, 2021). Apesar de sua popularidade atual, devemos observar alguns detalhes na constituição dessas produções ao longo das décadas. Vale destacar que quase todos foram protagonizados por um imaginário sociopolítico hegemônico de homens cis, héteros e brancos, e as equipes dos filmes eram majoritariamente masculinas. Através desses fatos, percebemos uma grande necessidade de diversidade nesse estilo de obra que só começa a apresentar algumas variações a partir de 2017 com *Wonder woman* e 2018 com *Black Panther*<sup>2</sup>.

Além da maioria desses filmes terem essa ausência de representatividade, tanto nas telas como na equipe, é importante notar que suas estruturas narrativas costumam remeter ao estudo *Herói de mil faces* de Joseph Campbell (1989) como base. O autor declara no início do livro que a jornada pode ser vivenciada tanto por homens quanto por mulheres “O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas.” (p. 28). Contudo, em sua descrição de exemplos ao redor do mundo – parte mais analítica de sua obra –, percebemos uma ausência dessa variação destacada.

---

<sup>2</sup> É importante destacar que essa observação não implicam em uma afirmação sobre essas obras como pioneirismo de diversidade em transposições de histórias em quadrinhos ou em filmes *blockbuster*, mas, justamente, na união dessas duas características em um cenário contemporâneo onde essas produções se tornam um dos principais mercados de grande bilheteria em Hollywood.

Ao remetermos ao processo de utilização de sua estrutura narrativa ao cinema, também se torna mais comum encontrarmos filmes protagonizados por homens, como os exemplos do Universo Cinematográfico da Marvel.

Maureen Murdock notou que a jornada da mulher contemporânea era diferente da jornada de Campbell e percebeu uma necessidade de uma reconfiguração ou uma nova proposta que abarcasse essa outra realidade que não era vista na Jornada do Herói. Com uma extensa pesquisa, estudou detalhadamente a obra do autor. “Eu passara anos estudando e trabalhando com Joseph Campbell; seu trabalho sobre a jornada do herói inspirou meu desejo de escrever algo que fosse específico à jornada feminina.” (2023, p. 15).

Murdock se baseou na obra de Campbell e desenvolveu seu trabalho ao observar o ciclo que as mulheres viviam em seus cotidianos. Atualmente, podemos encontrar esse ciclo em algumas obras protagonizadas por mulheres, pois consiste em analisar a necessidade da mulher de se adequar ao mundo dos homens para atingir sucesso. Em seguida, identifica uma etapa de sensação de incompletude, visto que, não há aceitação do feminino nesse processo. Por fim, demonstra um ciclo que alcança uma compreensão e possibilidade de conciliar o feminino com o que aprendeu no mundo dos homens.

Esse artigo<sup>3</sup> procura compreender *Birds of Prey* (2020) como um importante marco no processo de aumento de visibilidade de protagonistas femininas na atual tendência *blockbuster* de filmes baseados em universos narrativos das histórias em quadrinhos. Procuraremos demonstrar como a narrativa indica elementos de sororidade e desconstrução de modelos hegemônicos clássicos na indústria cinematográfica. A produção, além de protagonizada, possui um amplo espaço para mulheres em seu âmbito criativo, apresentando uma obra que não somente destaca personagens femininas, como também insere críticas aos clichês e padrões de uma cultura patriarcal.

---

<sup>3</sup> Uma versão anterior deste trabalho, mais simplificada e com recorte direcionado à análise de 5 personagens foi publicada nos anais do XIII Encontro Nacional História da Mídia do 2021.

## FABULOSA EMANCIPAÇÃO DA NARRATIVA FEMININA

Em 2016, fomos apresentados ao filme *Suicide Squad*. Apesar do fracasso crítico da produção, alguns elementos se tornaram marcantes, como a apresentação da personagem Harley Quinn. Originada no desenho *Batman: the animated series* (1992), foi transferida para os quadrinhos em *Batman: Harley Quinn* (1993) e, por fim, para o cinema no filme citado acima. Interpretada por Margot Robbie, se tornou um dos pontos mais elogiados da produção. A atriz trouxe carisma para a personagem, compreendendo as possibilidades a serem exploradas no papel. Assim, popularizou a amante do príncipe do crime de Gotham, tornando-a uma personagem de grande impacto em nosso imaginário.

Entretanto, identificando o que poderíamos perceber como pontos negativos por um prisma de emancipação feminina na composição dessa personagem, sua narrativa demonstra uma mulher dependente do namorado para escapar dos problemas. Outra análise também pode indicar uma mulher que é simplesmente louca e desprovida de sensatez em suas ações. Essas características são demonstrações de elementos misóginos que podem desvelar clássicos argumentos em torno de uma estrutura de poder patriarcal. “A misoginia está presente quando se associa as mulheres à loucura, à histeria, à natureza [...]” (TIBURI, 2018, p. 39). Vale destacar que o roteirista desse primeiro filme é David Ayer, um homem. Assim, percebemos uma importante questão abordada por Maureen Murdock (2022) “Como vivemos em uma sociedade que vê o mundo a partir de uma perspectiva masculina, muitas mulheres ainda internalizam a voz patriarcal que lhes diz que elas têm menos valor.” (p. 18-19).

Ou seja, a partir da perspectiva masculina, Harley é dependente e louca. Um detalhe que o roteirista e diretor David Ayer acrescentou após as gravações do filme, foi um pedido para que a equipe de efeitos visuais encurtasse o short da personagem.<sup>4</sup> Essa modificação não possui qualquer função narrativa na história, sendo apenas um apelo estético acrescentado pelo diretor. A autora e cineasta Teresa Laurentis apresenta uma passagem relevante para a discussão:

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://screenrant.com/suicide-squad-harley-quinn-shorts-cgi-butt/>.

Refiro-me aqui à sexualidade como construção e autorrepresentação; e nesse caso, com uma forma masculina e outra feminina, embora na conceitualização patriarcal ou androcêntrica a forma feminina seja uma projeção da masculina, seu oposto complementar, sua extrapolação – assim como a costela de Adão. De modo que, mesmo quando localizada no corpo da mulher (vista, como escreveu Foucault, “como que completamente saturada de sexualidade”) a sexualidade é percebida como atributo ou propriedade do masculino. (LAURENTIS, 2019, p. 136).

Assim, podemos percebê-la como parte dos problemas de quando apenas homens estão presentes nos cargos de poder, quando se trata da idealização de um projeto audiovisual. Nesse sentido, diminuir o tamanho do short, contribui para a sexualização da personagem, que por sua vez, contribui para a objetificação do corpo feminino que não encontra qualquer ressonância ou necessidade na história.

Partindo do princípio de que o diretor David Ayer, é um comunicador exportando seu filme para o mundo, vale ressaltar a frase de Luiz C. Martino (2019): “Comunicar é simular a consciência de outrem, tornar comum (participar) um mesmo objeto mental (sensação, pensamento, desejo afeto).” (p. 23) Portanto, a forma como Ayer projetou o corpo da personagem, cria um efeito de normalização do corpo feminino enquanto produto a ser consumido. O público paga para consumir o produto audiovisual, que por consequência, tem a personagem sexualizada.

Sarmet e Tedesco (2019) destacam que: “Em 2016, os questionamentos sobre gênero e raça se intensificaram.” (p. 146) Podemos associar essa afirmação a diversos movimentos históricos. No cenário hollywoodiano, por exemplo, podemos apontar as manifestações digitais contra o Oscar, após premiarem, como de costume, majoritariamente pessoas brancas. Outra manifestação que surtiu grande efeito, já em 2017 foi a “#MeToo”, sobre a exposição de casos de assédio sexual que mulheres sofreram no meio artístico. A ênfase se deu devido ao caso de o grande produtor Harvey Weinstein ter sido acusado de assédio sexual por diversas mulheres do ramo, sendo devidamente exposto pelo jornal New York Times, e punido após a denúncia.

No mesmo ano, em 2017, *Wonder Woman* foi lançada como a primeira transposição cinematográfica de quadrinhos de grande orçamento e bilheteria protagonizada por uma mulher. Apesar desse importante pioneirismo, o filme ainda possuía algumas problemáticas narrativas,

tendo sido roteirizado e produzido por uma equipe formada totalmente por homens. Ainda assim, houve a liberação de um pequeno espaço criativo que era feito por uma mulher, pois a direção ficou à cargo de Patty Jenkins. Segundo o teórico Silvio Almeida (2019): “Enfim, o que chamamos de representatividade refere-se à participação de minorias em espaços de poder e prestígio social, inclusive no interior dos centros de difusão ideológica como os meios de comunicação.” (p. 109)

Por mais que o conceito apresentado pelo autor se refira a questões raciais, pode-se adaptar esse conceito para os outros grupos que não possuem suas vozes ouvidas na área de idealização. Portanto, conclui-se que o filme, de certo modo, começou um processo de desenvolvimento de uma representatividade mais próxima da ideal nos filmes de heróis. No ano seguinte, o universo cinematográfico da Marvel lançou *Black panther* (2018), evoluindo mais ainda nesse conceito, com maioria da equipe negra e uma narrativa que abordava temáticas raciais e trazia de forma honrosa elementos da cultura africana, conquistando 3 Oscars. Por fim, a Marvel Comics lançou em 2019 seu primeiro filme protagonizado por uma mulher, *Captain Marvel* (2019). Vale ressaltar que essa obra possui uma estrutura narrativa extremamente similar ao conceito apresentado por Murdock em *A jornada da heroína* (2022) e que seu roteiro foi escrito por uma equipe composta por duas mulheres e um homem<sup>5</sup>.

Após esses momentos históricos no cenário *blockbuster* das transposições fílmicas de Histórias em Quadrinhos, Margot Robbie conseguiu participar da produção do filme *Birds Prey* (2020) com sua empresa Lucky Chap Entertainment. Assim, realizou o *pitching* da ideia e fez o filme acontecer, como afirma a diretora Cathy Yan:

Esse filme deve tanto para a Margot. Quero dizer, realmente foi ideia dela. Ela queria... Ela apresentou um filme de gang de garotas com a Harley Quinn, e isso era porque ela, eu acho, compreendia a personagem. E ela era ativamente envolvida tanto como a estrela, mas, também como a produtora.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Para mais detalhes sobre a importância de *Wonder Woman* (2017) e *Captain Marvel* (2019) no cinema, conferir nosso trabalho (GARCIA e LIMA, 2021).

<sup>6</sup> Do original: “This movie owes so much to Margot. I mean, it really was her idea. She wanted... She pitched the idea of a girl-gang movie with Harley Quinn and that was because she, I think, understood the character. And then she was very actively involved as both a star, but also as a producer.” (1h 10m 30s), 2020, *Birds eyes view mode*, (Cathy Yan).



Judith Butler (2018) ressalta a importância de uma linguagem específica que saiba dialogar com o universo feminino e suas questões, para que a representatividade de suas pautas seja devidamente retratada. “Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover visibilidade política das mulheres.” (p. 20)

Apesar da abordagem de Butler partir de um pressuposto teórico, podemos nos apropriar de tal ideia em um emprego pragmático no campo da indústria cinematográfica de Hollywood. Assim, a partir da frase da autora torna-se compreensível algumas decisões da produção da obra, com um filme que contém um equilíbrio de gênero na equipe, sobretudo com mulheres presentes nas posições de poder e de idealização do projeto. Dessa forma, expressa a realidade da personagem feminina fictícia de uma maneira autêntica, dispensando narrativas comuns de mulheres sendo salvas por homens.

Vale ressaltar que, a maioria das obras abordadas acima pertencem à *Warner Bros. Pictures*, pois, a *DC Films* é uma das ramificações da produtora. Em um primeiro momento, seria possível imaginar que uma empresa que produz e distribui *Wonder Woman* (2017) e *Birds of Prey* (2020) contém mais diversidade em seu comando. Entretanto, seus CEOs são três homens e apenas uma mulher: Michael De Luca, Pamela Abdy, Jesse Ehrman e Steve Spira<sup>7</sup>.

Outra produção fílmica que também foi distribuída pela *Warner Bros. Pictures*, assim como também foi produzida e estrelada por Margot Robbie, foi *Barbie* (2023). A obra dirigida por Greta Gerwig obteve uma das maiores bilheterias do ano de 2023, com um bilhão e quatrocentos milhões de dólares. Desse modo, vale mencionar uma das problematizações apresentadas no filme. Em uma cena, a Barbie estereotipada chega ao prédio da Mattel – empresa que produziu e vende a boneca Barbie – para encontrar as chefes da empresa, entretanto, todos os CEOs são homens. Ou

---

<sup>7</sup> Apesar de apenas uma mulher constar entre os nomes indicar um visível desequilíbrio, essa única presença já pode ser vista, de certa forma, como um avanço dentro de estruturas empresariais que, historicamente, contam com nomes quase exclusivamente de homens.



seja, apesar da Mattel lucrar milhões de dólares com uma figura feminina há décadas, ainda assim, aqueles que recebem o lucro são homens.

Essa afirmação em *Barbie* (2023) pode ser aplicada em diversos âmbitos da nossa sociedade. Apesar de *Birds of Prey* (2020) ser um expoente na indústria cinematográfica de Hollywood ainda é uma obra que gera milhões de dólares em lucro para empresas coordenadas por homens, assim como *Barbie* (2023). Assim, o que apontamos nesse texto não é uma ocorrência perfeita de representatividade, mas apenas uma pequena modificação dentro de uma estrutura ainda problemática. Contudo, percebemos que essas mudanças trazem elementos interessantes para análise.

Embora o nome do filme seja *Birds of Prey* (2020), temos o subtítulo *And the fantabulous emancipation of one Harley Quinn*. A partir dessa informação, é possível compreender o motivo de a obra ser narrada por sua protagonista. Com a história se desenvolvendo pela ótica de Harley, a montagem é feita de acordo com a ordem de sua escolha, em uma narrativa não-linear. Os efeitos especiais são extremamente coloridos, representando a estética circense da personagem, afirmação presente no minidocumentário *Harley Quinn & The Birds of Prey: Wild Nerds* (Josh Oreck, 2020).

Os cargos de idealização do projeto são, em sua maioria, ocupados por mulheres: a diretora é Cathy Yan e a roteirista é Christina Hodson. Embora existam outros cargos no filme, iremos focar mais nesses dois nomes, devido ao seu destaque na autoria do projeto. O roteiro escrito por Hodson, desenvolve a história de uma personagem conhecida por sua submissão por um dos maiores vilões da DC comics. Procurando reverter esse quadro, os primeiros 5 minutos de filme mostram o casal sendo separado, ao som da música *I hate myself for loving you* (1988) da guitarrista Joan Jett, conhecida por fazer parte de *The runaways*, uma das primeiras bandas de rock completamente femininas na década de 70. Em seguida, tomamos conhecimento de que a missão da protagonista será conquistar independência também em outros sentidos.

Apesar de a roteirista não ter declarado se inspirar na obra de Murdock (2022), podemos reconhecer algumas relações com sua estrutura narrativa. O primeiro elemento de destaque na história é o fato de Harley se desconectar da sua fonte de segurança, Joker, e ter que aprender a ser

independente. Essa etapa no ciclo da jornada se chama “Despertar para sentimentos de aridez espiritual: morte” (p. 25), pois há essa sensação de traição vinda do mundo masculino. Embora seja uma etapa encontrada no meio do ciclo descrito por Murdock, vale ressaltar a declaração da autora “O movimento ao longo das etapas da jornada é cíclico e a pessoa pode estar em mais de uma etapa ao mesmo tempo.” (p. 24) Ou seja, é possível se encontrar em mais de uma etapa, desse modo, inicia-se com a separação do mundo masculino e com o despertar para sentimentos de aridez.

A introdução animada da protagonista nos traz algumas características importantes como a rebeldia, e a dificuldade em se adequar em relacionamentos amorosos padrões. Por outro lado, possui uma formação acadêmica indicando capacidade e inteligência. A personagem contesta a falta de reconhecimento pelo seu sucesso no mundo do crime, pois, recorrentemente, seus créditos eram dados para Joker. Dessa forma, podemos compreender que é uma anti-heroína rebelde, inteligente e com grande potencial ao longo da obra de se tornar independente. Ao morar sozinha, decora o apartamento da forma desejada e declara “Eu precisava encontrar uma nova identidade, uma nova eu”<sup>8</sup>. Murdock (2022) afirma que “a jornada se inicia com a busca pela identidade de nossa heroína. Esse ‘chamado’ ocorre não numa idade específica, mas quando o ‘antigo eu’ já não serve mais.” (p. 25). Portanto, Harley se encontra no início da Jornada da heroína, sua busca por identidade se torna o ponto chave para realizar essa conexão com a estrutura narrativa.

Mais à frente na história, em sua busca por separação do antigo namorado, explode o ponto de encontro com Joker. Ao observar as explosões de diversas cores na fábrica de produtos químicos, como se fossem fogos de artifício, compreendemos que estamos observando a cena pelo ponto de vista da personagem, visto que, quando a policial Montoya vai ao local, a explosão não possui esse caráter. Logo, declara “Era o encerramento que eu precisava”<sup>9</sup>, “Um novo começo, a chance de ser a minha própria mulher”<sup>10</sup>. Ou seja, encerrando a dependência do homem a quem

---

<sup>8</sup> Do original: “I had to find a new identity, a new me” 2min e 30 segundos de filme *Birds of Prey* (2020).

<sup>9</sup> Do original: “It was the closure I needed” 7 minutos e 36 segundos *Birds of Prey* (2020).

<sup>10</sup> Do original: “A fresh start, a chance to be my own woman” 7 minutos e 45 segundos *Birds of Prey* (2020).

estava se relacionando, inicia uma nova etapa, onde ocorrerá sua emancipação e encontrará independência e sororidade.

Hoje, as mulheres têm uma missão em nossa cultura. É a missão de acolher por completo sua natureza feminina, aprendendo a se valorizar como mulher e a curar a ferida profunda do feminino. Trata-se de uma jornada interior fundamental para se tornar um ser humano totalmente integrado, equilibrado e íntegro. (MURDOCK, 2022, p. 23)

Um tópico autêntico desse filme, é a paixão da protagonista por sanduíche de ovo e bacon. Apesar de parecer algo cômico, essa característica e momento da personagem demarcam algo, de certa forma, inovador. Alexandra Gurgel desenvolve em seu livro, *Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário* (2018), um capítulo chamado “*Garotas bonitas não comem*”: *uma vida baseada em transtornos alimentares* (p. 73), descrevendo como muitas meninas desenvolvem distúrbios alimentares por acreditarem que “garotas bonitas não comem”.

A anorexia nervosa é um distúrbio alimentar. A pessoa que enfrenta esse transtorno tem receio de engordar, quer emagrecer “até sumir”, tem uma vontade intensa de ser magra, se força a ter restrições alimentares e vê uma imagem distorcida de si mesma, sem conseguir enxergar a sua verdadeira aparência no espelho. (GURGEL, 2018, p. 73-74)

Assim como encontramos no livro *O mito da beleza* (2019) de Naomi Wolf todo o sistema instaurado em nossa sociedade, que obriga as mulheres a buscarem o corpo ideal ou a beleza ideal:

E a alucinação inconsciente adquire influência e abrangência cada vez maiores por conta do que hoje se tornou uma manipulação consciente do mercado: indústrias poderosas – a das dietas, que gera US\$ 33 bilhões por ano; a dos cosméticos, US\$ 20 bilhões; a da cirurgia plástica estética, US\$ 300 milhões; e a da pornografia, com seus US\$ 7 bilhões – cresceram a partir do capital composto por ansiedades inconscientes e conseguem por sua vez, através de sua influência sobre a cultura de massa, usar, estimular e reforçar a alucinação numa espiral econômica ascendente. (WOLF, 2018, p. 35)

A partir desse levantamento de dados, podemos analisar, por outro viés, a cena de Harley apaixonada por um sanduíche de ovo com bacon, alimentação que não é saudável e possui componentes que podem causar riscos à saúde e, sobretudo, à manutenção do corpo magro. Aqui, se torna possível uma interpretação que identifica uma interessante quebra de paradigma envolvida nessa cena cômica. Mesmo que o corpo da atriz esteja dentro do padrão de beleza magro e

eurocêntrico, o simples fato de apresentar uma imagem comendo um lanche gorduroso, gera uma desconstrução da visão de que “garotas bonitas não comem”.

Na versão especial do filme, surge uma cartela que destaca “Trivia: Roteirista Christina Hodson é aficionada por sanduíches da New York Bodega e colocou um de seus favoritos na história do filme: Bacon, Ovo, e queijo... Com apenas uma pitada de molho picante.”<sup>11</sup> Ou seja, a roteirista utilizou a sua realidade para criar uma paixão na personagem. Essa ação demonstra, mais uma vez, a importância de se ter diversidade nos campos de idealização de um projeto, pois, transposições de histórias em quadrinhos roteirizadas por homens, dificilmente apresentam mulheres comendo por felicidade. Em *Wonder Woman* (2017), por exemplo, a heroína se alimenta pouco sem apresentar qualquer modificação desse padrão. Desse modo, vale ressaltar que, em *Birds of Prey* (2020), o primeiro conflito da anti-heroína não se baseia na proteção do mundo, mas na tragédia de um sanduíche perfeito não sendo comido<sup>12</sup>. Logo, a cena com o sanduíche, por mais que possua uma carga cômica em sua dramaticidade exagerada, ainda possui um aspecto inovador.

A figurinista Erin Benach produziu o figurino da personagem com um conceito *DIY*<sup>13</sup>, identificando rebeldia e expertise como características marcantes de sua personalidade. Em uma cena específica, enquanto está em perigo, a protagonista sofre uma agressão no rosto, desmaia e se imagina em uma cena musical de Marilyn Monroe – fazendo referência com a busca central pelo diamante. Harley está com o penteado e roupas da cena homenageada, entretanto, ao invés de um vestido, se encontra com um macacão de calça, cantando *Diamonds are a girls best friend* do filme *Gentlemen prefer blondes* (Howard Hawks, 1953). Embora a versão original com Marilyn cantando indica que mulheres gostam de dinheiro e bens materiais como forma de amor, nessa releitura do filme, Harley morde a mão de um dos dançarinos e os domina ao longo da cena. Em seguida, aparece com uma arma de fogo atirando nos bailarinos. Assim, podemos desenvolver uma

---

<sup>11</sup> Do original: “Trivia: Writer Christina Hodson is an Aficionado of New York Bodega sandwiches and put one of her personal favorites into the film: Bacon, Egg, and Cheese... With just a dash of hot sauce.” (12min 30s) *Birds eye view mode* (2020)

<sup>12</sup> 16min *Birds eye view mode* (2020)

<sup>13</sup> *Do it Yourself* é uma arte de estilizar roupas ou objetos da maneira desejada pelo indivíduo.

interpretação dessa cena como uma possível intenção de assassinato de uma visão machista do passado na metáfora dos bailarinos homens.

Além da personagem principal que o grande público já estava familiarizado, a roteirista teve o trabalho de desenvolver a história de origem das outras heroínas ali presentes. Cassandra Cane nos quadrinhos se torna futuramente uma das *Batgirls*. Todavia, o filme a coloca como central na narrativa ao roubar e engolir o diamante do vilão da história. Por ser uma criança, mesmo que talentosa para furtos rápidos, ainda aparenta ser o membro mais frágil do grupo apresentado no filme. Dessa forma, percebemos sempre alguma outra mulher cuidando dela, como *Black Canary* entregando dinheiro para ela se alimentar, a policial Montoya que tenta salvá-la de Harley Quinn e por fim, a própria protagonista do filme.

Para se salvar, Harley faz um acordo com o vilão, alegando que irá buscar Cass e resgatar o diamante roubado. Porém, por passar um período com Cass, acaba desenvolvendo laços afetivos de amizade e sororidade. Na estrutura da *Jornada da heroína* (2022), percebemos a indicação de um percurso importante intitulado “cura da ruptura mãe/filha” (p. 25). Essa etapa significa o momento em que a heroína se conecta com o feminino. É possível associar essa relação a conexão com o feminino, visto que Harley declara que andar com a criança a fez querer ser uma pessoa melhor, indicando uma evolução narrativa da personagem.<sup>14</sup>

Desde o princípio, a ideia do filme era projetar a personagem Harley Quinn integrando uma gang de garotas. Assim, sempre que surge a necessidade de salvação, a protagonista é salva por mulheres. O grupo é construído aos poucos durante a narrativa. Ao final, o momento do encontro de todas se reunindo com uma única finalidade é a indicação do objetivo de salvar Cass do grande vilão.

O antagonista é extremamente interessante quando observamos essa obra com a perspectiva feminina da protagonista. Segundo entrevista do designer de produção K. K. Barret, ao opinar sobre a derrota do vilão em *Birds eye view mode* (2020): “Então, é aqui que ela está

---

<sup>14</sup> Do original: “You made me want to be a less terrible person” (1h36min) *Birds of Prey* (2020)

encenando a derrubada de Roman como um símbolo da derrubada do Patriarcado no geral.”<sup>15</sup>. É preciso destacar que Roman é um homem que coleta tudo, pessoas, arte, informações, territórios etc. Percebe-se essa necessidade do personagem quando se refere à *Black Canary* como “*My little Bird*” entre outros termos que indicam posse. A narrativa do vilão no filme é centrada em sua busca por um item que deseja muito. Com sua ambição exacerbada e classe para falar, apresenta cenas violentas e cômicas durante o filme.

Nesse sentido, torna-se um ótimo antagonista para um grupo de mulheres, visto que indica uma personificação de muitos elementos que o feminismo deseja combater. Portanto, quando ocorrem as cenas de luta do grupo contra o vilão, percebe-se o valor simbólico de derrotá-lo. Ao final da trama, Roman declara “você precisa de mim”<sup>16</sup>. Dessa forma, afirma que Harley necessita do seu auxílio para sobreviver em Gotham com conforto. Por mais que a protagonista fosse protegida pelo ex-namorado, vale destacar seu sucesso em se salvar de situações adversas, seja lutando de forma acrobática ou argumentando com clareza. Dessa maneira, após sua emancipação desenvolvida ao longo da obra, Harley nega a necessidade de ajuda, e conclui seu raciocínio afirmando seu nome com convicção<sup>17</sup>. Logo, sua busca por independência foi concluída, pois, a personagem equilibrou seus ideais e afirmou que não precisava depender de ninguém além dela mesma. Associando esse diálogo com a última etapa da *A Jornada da heroína* (2022) essa seria a “Integração do masculino e feminino” (p. 25), visto que a personagem está completa, independente.

Em seguida, Cass explode uma granada no grande vilão, matando-o. Ou seja, até a menina, que todos consideravam frágil, se salvou do perigo sozinha. Assim, percebemos o extremo cuidado da narrativa em demonstrar que mulheres podem se salvar sem ajuda de homens.

A obra apresenta com riqueza de detalhes a emancipação da Harley Quinn. A personagem atinge sucesso em sua conquista por independência, trazendo um exemplo de produção escrita e exibida por mulheres. Embora o filme também apresente outras mulheres fortes, é preciso destacar

---

<sup>15</sup> Do original: “So, this is where she’s staging her takedown of Roman as a symbol of taking down the general Patriarchy” (1h36min) *Birds eye view mode* (2020)

<sup>16</sup> Do original: “You need me” (1h 35min) *Birds of Prey* (2020)

<sup>17</sup> Do original: “Harleen fucking Quinn” (1h 36min) *Birds of Prey* (2020)

como a narrativa da protagonista foi transformada de um filme que a sexualizou em 2016 para este que a exaltou em 2020. A narrativa da personagem busca seu empoderamento de forma “fantabulosa”<sup>18</sup> e afirma sua identidade individual: “Harley Fuckin Quinn”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma breve exposição sobre a ausência de representatividade nas transposições cinematográficas de quadrinhos, pode-se perceber que *Birds of Prey* (2020) desempenha uma sequência de avanços em sua proposta de destacar a emancipação feminina de sua protagonista ao apresentar personagens femininas fortes e independentes, não apenas nas telas, mas também nos campos de idealização do projeto. Embora o cinema de Hollywood tenha começado historicamente com diversas mulheres presentes nos campos ideológicos das obras (HOLANDA, 2019), após um certo período esse espaço foi diminuindo. Entretanto, atualmente nos encontramos em um momento de uma busca por modificações e uma procura por uma emancipação feminina na idealização e nas estruturas de poder de algumas produções.

As grandes produções de histórias em quadrinhos no cinema dos universos da Marvel e da DC comics produziram um total de 8 filmes protagonizados por mulheres desde suas devidas reconfigurações: *Wonder Woman* (2017), *Captain Marvel* (2019), *Dark Phoenix* (2019), *Birds of Prey* (2020), *Wonder Woman 1984* (2021), *Black Widow* (2021) e *Black Panther: Wakanda forever* (2022), *The Marvels* (2023)<sup>19</sup>. Embora seja um número consideravelmente inferior à quantidade de filmes protagonizados por homens, é um grupo que segue ganhando seu espaço nas telas do cinema. Um dado de extrema importância é a indicação de que a quantidade de produções tem aumentado desde o primeiro filme em 2017 e as obras têm apresentado mais mulheres envolvidas em suas idealizações.

---

<sup>18</sup> Tradução de “Fantabulous” do subtítulo do filme: *And the Fantabulous emancipation of one Harley Quinn*.

<sup>19</sup> Essas reconfigurações apontadas são direcionadas ao modelo específico Blockbuster contemporâneo dessas produções. Outras obras baseadas em Histórias em Quadrinhos já haviam sido protagonizadas por mulheres, contudo, sem o devido investimento e alcance de bilheteria. Para um levantamento de todas as transposições cinematográficas de longa-metragem *live-action* de História em Quadrinhos em Hollywood, conferir (GARCIA, 2023).



Dessa forma, esse artigo conclui com a reflexão sobre a urgência em compreendermos a necessidade de abrir mais espaço para as mulheres na indústria e produzir mais heroínas e protagonistas femininas para nossa cultura contemporânea. Nosso imaginário deve ser povoado com mais representatividade e diversidade. E esse espaço deve ser para todas as mulheres, pois a diversidade não implica na construção de um modelo único de mulher branca e sim em uma pluralidade de personagens que possam abarcar um multiculturalismo não-hegemônico.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

**BIRDS OF PREY**. And the Fantabulous Emancipation of one Harley Quinn. Cathy Yan. Estados Unidos, Warner Bros., Warner Bros. Pictures, 2020. Especificação do suporte em unidades físicas (1h 49min).

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

GARCIA, Yuri. Transposições fílmicas de histórias em quadrinhos: uma teorização da relação entre duas linguagens. **Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento**. v.8, n°2, 2021.

\_\_\_\_\_. Comic Books in Silver Screens: um mapeamento das transposições de HQs no Cinema hollywoodiano. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 26, 2023.

GARCIA, Yuri; LIMA, Ellen Alves. Mulher Maravilha e Capitã Marvel: a representação da protagonista feminina no universo cinematográfico das HQs. **Revista GEMInIS**. v.12, n°1, 2021.

GEADA, Eduardo. **Os mundos do cinema: modelos dramáticos e narrativos no período clássico**. Editorial Notícias, 1998.

GIMENEZ, Fernando Antonio Prado; ROCHA, Daniela Torres da. A presença do filme nacional nas salas de cinema do Brasil: um estudo sobre a codistribuição. **Revista Galáxia**. N°37, jan-abr, 2018.

GURGEL, Alexandra. **Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HOLANDA, Karla (org). Mulheres de cinema. In. COSTA, Flávia Cesariano Costa. **As Ruidosas Mulheres do Cinema Silencioso**. Rio de Janeiro: Numa, 2019.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade. In. SARMET, Erica; TEDESCO, Marina Cavalcanti. **No cinema**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. In. LAURENTIS, Teresa. **A tecnologia de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MATTOS, A. C. G.. **Do cinetoscópio ao cinema digital**: breve história do cinema americano. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MURDOCK, Maureen. **A Jornada da heroína** – A busca da mulher para se reconectar com o feminino. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

MURDOCK, Maureen. **A Jornada da heroína caderno de atividades** – Um guia prático para a busca por autoconhecimento. Rio de Janeiro: Sextante, 2023.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando 2017.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

## COMO CITAR ESTE ARTIGO

GARCIA, Yuri; ALVES LIMA, Ellen. HARLEY FUCKING QUINN: representatividade e diversidade feminina em *Birds of Prey* (2020). **Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 20, pp. 81-97, 2023.